

Da educação musical escolar: um estudo da seleção curricular a partir da análise do livro didático “Arte Por Toda Parte” – Ensino Médio

GTE 12 – Ensino de música nas escolas de educação básica

Comunicação

*Paula Beghelli Neves
Universidade de Brasília
paulabeghelli@hotmail.com*

Resumo: O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar como o currículo de música é apresentado para o professor por meio do livro didático “Arte Por Toda Parte”. Para tal, o estudo se fundamenta na proposta de Sacristán de compreender o livro didático como um currículo apresentado aos professores. A metodologia de pesquisa empregada foi a análise documental, de caráter qualitativo, e a metodologia de análise fundamentou-se na codificação proposta pela teoria fundamentada nos dados. Os dados foram reunidos em três categorias principais: música como ferramenta ilustrativa, informação sobre música e experiências diretas com música. O livro dialoga com o universo juvenil e tem potencialidade para colaborar com o trabalho do professor de música, que terá, muitas vezes, de transcender as sugestões ali encontradas em busca de maior consistência no universo musical.

Palavras-chave: Currículo. Livro didático. Música.

1. Notas introdutórias

Este trabalho apresenta um relato da pesquisa realizada para o meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Música - Educação Musical, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O interesse na temática surgiu da minha atuação em escolas de educação básica, buscando entender, analisar e observar como se dá a seleção curricular para o trabalho da educação musical escolar. Dessa forma, procurei conhecer e problematizar os conhecimentos que haviam sido selecionados em um livro didático distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) para o trabalho em sala de aula, considerando o objetivo final da música na escola como contribuição para a formação integral do ser humano.

Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa constituiu-se em analisar como o currículo de música é apresentado para o professor por meio de um livro didático de Arte. Como fonte para este estudo o livro didático escolhido foi “Arte Por toda Parte” (2017), de Solange Utuari,

Daniela Libâneo, Fábio Sardo e Pascoal Ferrari, destinado ao Ensino Médio. A obra didática abrange as quatro linguagens artísticas: música, artes visuais (plásticas), teatro, dança, tendo sido aprovada pelo MEC para ser utilizado nas escolas do Brasil a partir do ano de 2019.

Essa pesquisa dialoga diretamente com a investigação em curso, em nível de mestrado, onde procuro compreender como os professores de Arte da Secretaria Municipal de Brasília têm utilizado os livros didáticos distribuídos pelo MEC.

Os livros são avaliados e disponibilizados pelo MEC por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), um dos programas do Governo Federal voltado para o auxílio da educação das crianças, jovens e adultos de toda a rede nacional. Atende as escolas Federais, Estaduais e Municipais, assim como do Distrito Federal. O objetivo principal do programa, apresentado no site do Ministério da Educação, na internet¹, é subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. A cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. O formato do programa acontece em ciclos trienais alternando os níveis de ensino.

O livro didático mostra-se como uma importante ferramenta para o professor, pois nele encontram-se conteúdos de uma forma bastante organizada indicando uma série de conhecimentos que se consideram importantes de serem trabalhados com os alunos. Os professores passaram a contar, recentemente², com o livro didático de Arte que, por exigência dos editais do MEC, abrange as quatro linguagens artísticas: música, teatro, artes visuais e dança.

O currículo selecionado em livros didáticos aprovados no PNLD 2018 para as aulas de música no ensino básico provocou em mim inquietações. Parti da premissa que, para uma prática pedagógica consistente e qualificada, é importante conhecer e analisar a seleção prévia de conhecimentos musicais apresentada aos professores nos livros didáticos, bem como sua organização e progressão propostas ao longo dos anos de escolarização. Nesta análise é importante considerar, ainda, para qual professor o livro é dirigido, pois os autores

¹ <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>

² Em 2013 foi lançado o primeiro edital do PNLD que contemplou a área de Arte, pós promulgação da LDB em 1996.

consideram o professor com formação específica em música, ou abordam os assuntos de forma que professores com outras formações consigam ministrá-los?

O currículo para a educação musical escolar está em processo de construção e consolidação, sendo moldado à medida que é mobilizado dentro de cada realidade educacional. Logo, o livro didático de Arte vem contribuir para esse processo, o que justifica a sua análise.

2. Caminhos teórico-metodológicos

A pesquisa buscou aprofundar a compreensão sobre a seleção de conhecimentos musicais que são apresentados aos professores nos livros didáticos aprovados no PNLD/2018 para aulas de música no Ensino Médio, em especial no livro “Arte por toda parte”. Por isso, elegeu-se a abordagem qualitativa para o estudo, tendo em vista que tal abordagem objetiva coletar informações aprofundadas, sendo elas discretas ou relevantes, que revelem novos caminhos para a produção de novas informações (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Ademais, a natureza qualitativa da pesquisa contribui para responder a questões muito particulares preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2009, p. 21), bem como para procurar identificar princípios ideológicos que possivelmente nortearam a escolha dos conhecimentos musicais.

Sendo assim, o desenvolvimento da pesquisa deu-se pela coleta e análise de dados nos livros didáticos, fontes desta investigação. O primeiro passo foi obter o livro “Arte por toda parte” para fazer as análises de dados e descrever e identificar eixos para categorias de análise.

Como metodologia de análise, foi utilizada a codificação da teoria fundamentada nos dados, proposta por Kathy Charmaz (2009). Neste tipo de análise, Charmaz (2009, p.16) afirma que o pesquisador deve buscar partir dos dados e, usando da codificação que deles emerge, alcançar uma interpretação analítica.

Na Teoria Fundamentada nos Dados, a primeira fase analítica é o processo de codificação qualitativa e definição dos conteúdos dos dados. A próxima etapa é passarmos para as elaborações das interpretações analíticas, para em seguida construir as categorias. Charmaz (2009) define:

Codificar significa categorizar segmentos de dados com uma denominação concisa que, simultaneamente, resume e representa cada parte dos dados. Os seus códigos revelam a forma como você seleciona, separa e classifica os dados para iniciar uma interpretação analítica sobre eles (CHARMAZ, 2009, p. 69).

Para a análise do livro “Arte por toda parte”, foi escolhida a codificação incidente por incidente, que consiste, segundo Charmaz (2009, p. 80), em

comparar incidente com incidente e, então conforme as suas ideias se firmam, compara[-se] os incidentes com a conceitualização dos incidentes codificados anteriormente. Dessa forma você consegue identificar as propriedades do seu conceito emergente. (CHARMAZ, 2009, p. 80)

Ao comparar cada incidente foi possível perceber no conjunto o que ele quer transmitir ao receptor, no caso o aluno. Assim foi possível compreender qual conhecimento musical foi proposto, seus princípios norteadores e sua relação com o contexto.

A partir da revisão de literatura realizada (LIIDTKE, 2016; LOPARDO, 2014; LOUREIRO, 2010), o currículo foi apontado pelos vários autores como elemento central para a inserção do ensino de música nas escolas de educação básica.

Goodson (2013), apresenta-nos uma definição etimológica de currículo:

A palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida). As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado. Como observa Barrow (1984, p. 3), “no que se refere à etimologia, portanto, o currículo deve ser entendido como ‘o conteúdo apresentado’ para estudo”. Nesta visão, contexto e construção sociais não constituem problema, porquanto, por implicação etimológica, o poder de “definição da realidade” é posto firmemente nas mãos daqueles que “esboçam” e definem o curso. (GOODSON, 2013, p. 31).

Foi na tentativa de dar sentido à organização curricular, que me deparei com a teoria elaborada por Sacristán onde encontra-se a importância do caráter processual que trata de analisar e esclarecer o curso da objetivação e concretização dos significados do currículo dentro de um processo no qual sofre múltiplas transformações (SACRISTÁN, 2017 p. 103). Pensar nessas fases para organizar o processo curricular, de fato traz à tona as diferenças entre os graus de influências que existem entre as fases e suas inter-relações.

As fases para a organização curricular que Sacristán (2017 p. 104) traz para dar significado e compreensão do currículo se dividem em 6 (seis) níveis. São eles: o currículo

prescrito, o currículo apresentado aos professores, o currículo modelado pelos professores, o currículo em ação, o currículo realizado e o currículo avaliado.

O currículo apresentado aos professores é entendido pelo autor como meio de traduzir aos professores o significado e os conteúdos do currículo prescrito, que normalmente aparecem de maneira muito genérica e sem orientação suficiente para a realização das atividades educativas. Nesta etapa, para auxílio do professor, o próprio livro didático desempenha o papel mais decisivo para a realizações das aulas.

Para Sacristán (2017 p. 150) a utilização do livro didático é inerente ao próprio exercício profissional, uma vez que os professores o utilizam como suporte (muitas vezes mesmo como guia) para a estruturação dos currículos e das atividades escolares.

O autor faz uma crítica severa aos professores que se tornam dependentes da seleção curricular apresentada nos livros didáticos. Contudo, é preciso ressaltar que nem sempre isto acontece na realidade. No Brasil, muitas vezes os livros sequer são utilizados pelos professores. No caso do livro de Arte, que tem uma história pós-LDB/1996 recente no país, é possível que esta dependência ocorra, uma vez que os professores, apesar de formados em uma das linguagens do componente curricular, são obrigados a ministrar aulas sobre todos os outros. Esta obrigação é reforçada pela presença de todas as linguagens artísticas nos livros didáticos – ainda que não de forma equilibrada, como se pode observar no livro analisado (há clara predominância das artes visuais na obra). Neste cenário, a seleção apresentada pelo livro possivelmente será todo o trabalho que o professor realizará – se é que o vai realizar – com as linguagens artísticas que não domina.

Diante do objeto de pesquisa, o nível analisado na pesquisa foi o currículo apresentado aos professores: o livro didático de Arte.

3. Resultados

A análise do livro didático escolhido, demonstrou que a música figura como a segunda linguagem artística mais abordada no livro, confirmando as artes visuais como dominantes na proposta. Ao longo dos capítulos, observei o esforço de apresentar aos alunos textos que abordam a Arte de forma geral, mencionando aquilo que as linguagens artísticas têm em comum e, também, suas especificidades.

Outra questão observada foi a busca por abordar temas atuais e próximos do universo juvenil, com artistas contemporâneos, propostas inovadoras e questionadoras, promovendo reflexões importantes para a faixa etária considerada.

A partir da análise da obra, 3 (três) categorias emergiram no que se refere às abordagens da música:

- **Música como ferramenta ilustrativa:** nessa categoria, observei que a linguagem musical é sub-explorada, com grande ênfase nas letras das canções. Há sugestões de apreciação, performance e criação, mas sem nenhuma orientação que conduza essas atividades para além das experiências cotidianas.

Os próprios autores comentam a utilização das letras das canções como motivadores para assuntos que serão abordados ao longo do livro:

Professor, na abertura de cada capítulo e temas de nosso livro, escolhemos trechos de obras literárias e letras de música que funcionam como nutrição estética e deflagradores de reflexão sobre o que vem a seguir nos textos presentes nas diferentes seções. É importante que você trabalhe esses textos junto aos alunos, conversando sobre suas primeiras percepções e interpretações, pois estes também têm função didática e poética. Sugira-lhes que ouçam as músicas e leiam os textos na íntegra para ampliar saberes e repertório cultural por meio de pesquisas (FERRARI et al., 2016, p. 198).

Logo, os autores reconhecem estas letras de música como “nutrição estética” e “deflagradores de reflexão” apenas no meio da obra. Salta aos olhos que ouvir as músicas cujas letras são citadas no início dos capítulos – ou seja, o envolvimento mais direto com música a partir de atividade de apreciação – figura apenas como uma sugestão que o professor poderá fazer aos alunos com intuito de “ampliar saberes e repertório cultural”.

Tal fato é inadmissível em uma obra que tem a música como um de seus objetos de conhecimento. A apreciação das músicas deve não somente ser proposta como atividade do livro, como os autores deveriam auxiliar o professor na condução das atividades de apreciação para que o trabalho com música se dê de maneira mais consistente – da mesma forma como direcionam a leitura de imagens, por exemplo, no campo das artes visuais.

Um exemplo envolvendo uma proposta criação que explora a letra, e não a música, é o Projeto Experimental “Improvisação e ritmo”, no capítulo 3 do livro, que aborda o *rap*. A proposta de criação é toda voltada para a improvisação de rimas (foco na letra), sem abordar questões propriamente musicais:

Quando tratamos dos processos de criação em arte, quais palavras vêm à cabeça?

Escreva as palavras que vierem à sua mente cada uma em um pedaço de papel, dobre o papel e coloque-o em uma caixa.

Para obter mais palavras e deixar o jogo mais divertido, convide os colegas a fazer o mesmo.

Para jogar, um colega vai até a caixa e tira uma palavra e, em ritmo de rap, cria uma frase (ou mais, conforme quiser) com base nessa palavra. Na sequência, outro colega ou você mesmo tira mais uma palavra, e o fluxo do jogo segue de forma improvisada na criação de rimas até que acabem todas as palavras de dentro da caixa ou até que vocês decidam parar (FERRARI et al, 2016, p. 108).

Há sugestões que tangenciam questões musicais, como:

Outra parte da música pode fazer sons, criando o ritmo da música com a boca, as mãos ou com objetos disponíveis.

Se na escola tiver um toca discos (vitrola ou, como os DJs chamam, pickup), um colega pode ser o DJ e brincar com os sons entre pausas, repetições e outros efeitos (FERRARI et al, 2016, p. 108).

As sugestões são superficiais e não apresentam saberes para além do que é possível fazer no cotidiano. O foco é a letra, no que se refere à música, os alunos irão “brincar com os sons”.

Na parte em que se aprofundam as orientações ao professor, “Diálogo com o professor”, não há orientações referentes a questões musicais. Aliás, afirma-se que “A música produzida no jogo é o produto da aula, mas o processo de criação é o foco”. O processo de criação da letra, pois nada referente à criação musical propriamente dita é abordado.

- **Informações sobre/relacionadas à música:** aqui foi possível observar um tratamento mais focado nas questões musicais, ainda que estas sejam feitas a partir de textos informativos sem que se experimente um contato direto com música. É interessante, neste sentido, perceber que os autores convidam os alunos, na apresentação do livro, para uma “conversa sobre arte” (FERRARI et al, 2016, p. 3). E é isto mesmo que se pode observar ao longo da obra: mais uma conversa sobre música do que o trabalho direto com a linguagem artística.

Nos textos que a obra apresenta são explorados temas variados, como: música na antiguidade, música e nascimento da notação, música e afrodescendência e afrossambas, Villa-Lobos e a pesquisa por novos arranjos, virtuosismo e romantismo, a voz, dentre outros.

É interessante destacar que o livro traz questões retiradas do ENEM e de vestibulares relacionadas às linguagens artísticas, e essas questões acabam por reforçar a abordagem de informações sobre música – provavelmente pelas limitações impostas pela forma como as provas se estruturam – escritas e sem possibilidade de movimentação, gravação e/ou apreciação.

- **Propostas de envolvimento direto com música:** nessa última categoria, observei que, embora raras e superficiais, há propostas de envolvimento direto com música. Nota-se, especialmente, as indicações de apreciação – ainda que sem orientações que conduzam a uma apreciação ativa. Em geral, são audições das músicas sem informações que permitam o aprofundamento de questões propriamente musicais. Sempre se sugere que se faça uma roda de debates após as atividades de escuta, mas, como afirmado anteriormente, sem o auxílio do livro para um aprofundamento em termos musicais.

Um exemplo que pode ser destacado é a proposta de criação relacionada à construção de uma Kalimba – proposta que não traz informações sobre como tocar o instrumento. Apenas lê-se “Sua *kalimba* está pronta! Use os polegares para tocar!” (FERRARI et al, 2016, p. 169). Há a indicação de um vídeo onde pode-se ouvir a *kalimba* sendo tocada. Mais uma vez, esta atividade de envolvimento direto com música – que, de certa forma, integra criação, apreciação e performance – só será bem realizada se o professor dispor de alguma formação musical.

Há uma grande ênfase na apreciação, ainda que seja uma apreciação mais passiva, sem orientações para que o professor conduza e aprofunde a experiência. As criações são quase sempre experimentais, pode-se dizer até que superficiais. A experimentação é sempre muito importante, mas, sem a ajuda de um professor que transcenda as orientações presentes no livro, os estudantes não irão ir mais longe do que isso.

Pode-se supor que há uma preocupação em oferecer atividades que professores sem formação em música possam conduzir, preocupação esta que não se observa quando o assunto é próprio das artes visuais, por exemplo.

Ainda assim, há no livro um leque variado de opções de gêneros, estilos, artistas e músicas que compõem excelentes oportunidades para professores de música trabalharem com os jovens do Ensino Médio. Será necessário, na maior parte das vezes, aprofundar as sugestões que são feitas no livro. Se o professor não tiver formação ou um conhecimento mais aprofundado em música, os jovens irão, como proposto na apresentação do livro, “conversar

sobre arte” e ouvir um repertório variado. Todavia, a presença de um especialista poderá diminuir as distâncias entre as músicas e os estudantes, driblando resistências e ampliando de fato o repertório musical dos alunos.

Enfim, depreende-se das análises que: as letras de música, na maior parte das vezes, são utilizadas como ilustração dos temas – fato que os artistas visuais condenam sempre se o mesmo for feito com imagens de obras artísticas; há muita informação sobre música, que podem resultar em ótimos encontros musicais dependendo da abordagem do professor; e as propostas de envolvimento direto com música, ainda que raras e superficiais, já se mostram como um importante avanço na inserção do ensino de música nas escolas de educação básica.

4. Notas finais

A pesquisa procurou investigar a seleção de conhecimentos musicais trabalhados nas aulas de música do Ensino Médio, apresentados no livro didático de Arte “Arte por toda parte”. Seu objetivo foi o de identificar quais os conhecimentos musicais foram selecionados e apresentados aos professores para seu trabalho nas aulas de Arte.

A organização e processo para a edição do livro didático, a partir de editais, guias e parâmetros curriculares nacionais (a BNCC não havia sido homologada quando do lançamento do edital que aprovou o livro analisado), exigem conhecimento e dedicação dos autores para suprir as demandas do componente curricular Arte e suas linguagens, especialmente a música, diante da variedade das características regionais. No livro “Arte por toda parte”, foi possível perceber o cuidado em abranger as tradições musicais de algumas regiões, as músicas presentes na cultura juvenil, além de repertórios variados e atividades que fossem possíveis de serem executadas pelos alunos e que fizessem sentido para e dialogassem com a realidade cultural deles.

De maneira geral, conforme pôde-se destacar ao longo da identificação dos conhecimentos no livro, observou-se uma seleção de conhecimentos musicais interessantes e variados, mas sem apresentar uma ordem progressiva (linearidade e cumulatividade dos conhecimentos) que permitisse perceber por onde se inicia e para onde se caminha, como é comum em outros componentes curriculares. Não se pôde perceber a existência de uma sequência gradativa com grau de complexidade se alinhando ao crescimento dos alunos. Tal

característica dialoga, portanto, com a fundamentação teórica apresentada no livro, que propõe ao professor a construção de um caminho não linear e rizomático.

Durante a análise do livro, uma variedade de conhecimentos musicais foi sendo apresentada, geralmente dentro de contextos que tratavam da arte de forma geral. Os autores exploram, ao longo da obra, as sensações e o como cada pessoa percebe os sons e a música de cada lugar, em diálogo direto com a paisagem sonora e a escuta sensível de Murray Schafer – conceitos que são apresentados na seção metodológica do livro. Em vários momentos, convida-se o aluno para ver, conhecer, sentir ou ler uma letra de música, mas pouco se pede para ouvir, tocar, ou cantar, proporcionando uma prática musical efetiva. Ficou evidenciado que, em algumas dessas propostas de atividades pedagógicas, o professor precisa ter conhecimento musical para desenvolver atividades de forma consciente com objetivos claros a serem alcançados utilizando a música na escola. Dessa forma fica clara a necessidade de um profissional habilitado na área para lecionar os conhecimentos musicais do componente Arte.

O que salta aos olhos é a predominância de textos sobre música, quase sempre inseridos num contexto mais amplo do universo das artes. Além disso, letras de música foram selecionadas para ilustrar os capítulos e seus temas, muitas vezes sem que uma abordagem realmente musical fosse conduzida. Nos raros momentos de envolvimento direto com a música, não há orientações precisas de como transcender situações experimentais, aprofundando em conhecimentos propriamente musicais.

Pôde-se constatar, por meio das análises dos dados, que o livro didático “Arte por toda parte” apresenta um currículo musical selecionado para despertar no aluno a curiosidade pelo universo da arte e da música, bem como o interesse por outros estilos musicais, de regiões diferentes, por instrumentos ou mesmo por formas não tradicionais de fazer música, utilizando o corpo, instrumentos musicais, ou outros objetos do cotidiano. O diálogo com outras culturas, como o reconhecimento da influência africana e indígena na música e na arte brasileira também pode ser percebido em alguns trechos do livro.

Dada a importância do currículo, não se pode esquecer que este estudo esteve amparado pelas proposições de Sacristán, (2017), que defende o currículo como um mapa representativo da cultura local e a aproximação com novos componentes e novas perspectivas dentro do ensino obrigatório.

Fica claro que currículo musical apresentado neste livro didático não tem o objetivo de tornar o aluno um instrumentista, ou um músico profissional. A obra oferece aos estudantes a oportunidade de crescimento pessoal, intelectual e humano, a partir do contato com as variadas formas de arte produzidas pela humanidade ao longo do tempo.

Esta investigação colaborou para um entendimento mais aprofundado quanto à construção dos currículos, seleção de conhecimentos e sugestão de propostas pedagógicas para a música na escola de educação básica – em especial, no Ensino Médio. A inserção do ensino de música nas escolas passa por um momento de consolidação, e a compreensão de como os livros didáticos estão apresentando uma seleção curricular aos professores é importante para contribuir neste processo. É imperioso reconhecer que caberá ao professor de música transcender o que está proposto no livro, tomando-o como uma base para o seu trabalho. Caberá ao professor completar as lacunas que o livro deixa, propondo atividades de relação direta com a música.

Espera-se que o professor extrapole o proposto no livro, que traz apenas propostas iniciais de trabalho. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com professores ou futuros professores de música no ensino regular, para que possam construir ou reconstruir em conjunto com o estudo apresentado novas e consistentes propostas para educação musical escolar.

Tais resultados conduziram às questões da pesquisa que está em andamento no mestrado: como os professores de Arte utilizam esses livros didáticos distribuídos pelo governo, visto que eles abordam todas as linguagens artísticas? O que se pretende, a partir de agora, é observar como professores com e sem formação musical trabalham com o livro que integra as linguagens artísticas – em especial no que se refere aos conhecimentos musicais.

Assim, com essas investigações, pretende-se contribuir para a consolidação do ensino de música na educação básica, especialmente no que se refere às questões curriculares – da sua prescrição à sua avaliação.

Referências

BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.16, p. 7 – 16, mar. 2007.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERRARI, S. S. U.; SARDO, D. L. L.; FERRARI, P. F.; SARDO, F. *Arte por toda parte*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Org.) *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009

GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Ciências Sociais da Educação).

LIIDTKE, M. E. M. *Planejamento escolar e o ensino de música na educação básica*. 2016. Tese (Doutorado em Música) – UNESP, São Paulo, 2016.

LOPARDO, C. E. *A inserção da música na escola: um estudo de caso numa escola privada de Porto alegre*. 2014. Tese (Doutorado em Música) – UFRGS, Porto Alegre, 2014.

LOUREIRO, A. M. A. *A presença da música na Educação Infantil: entre o discurso oficial e a prática*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 2010.

MINAYO, Maria C. S. (Org.); DESLANDES, Suely F.; Gomes. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SACRISTÁN, Jose G. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.